



Processos Editoriais na Escola

Maura da Costa e Silva
Raquel Scremin
Rosane Rosa

1. INTRODUÇÃO

O projeto Processos Editoriais na Escola foi criado na disciplina de Projeto Experimental de Produção Editorial em Educação, do curso de Comunicação Social – Produção Editorial, da Universidade Federal de Santa Maria. E teve como ambiente laboratorial a Escola de Educação Básica Augusto Ruschi, na qual foram desenvolvidas oficinas relacionadas à cadeia produtiva do livro impresso, mais especificamente de livros artesanais, com alunos do sétimo e oitavo ano do ensino fundamental.

Esse projeto teve (e tem) como objetivo contemplar professores e alunos de escolas públicas por meio de oficinas que possibilitam a troca de saberes e a aquisição de conhecimentos sobre a produção editorial, e conseqüentemente, uma educação midiática e informacional dos meios impressos. A partir dessas oficinas ministradas no ambiente escolar, foi possível criar e testar conteúdos para o produto de difusão desse processo: o Kit para o Professor, sendo ele, um Recurso Educacional Aberto (REA) com duas versões: a online e a offline. O kit contém um Manual do Professor, um exemplar do livro artesanal produzido nas oficinas e seis vídeos complementares.

Por ser um trabalho experiencial, mas também inovador, acreditamos que conferiu importância e reconhecimento ao campo da editoração, evidenciando que o processo editorial pode estar presente no ambiente escolar. Além disso, a partir dessa experiência, os alunos poderão valer-se do processo editorial para realizar atividades disciplinares e extracurriculares.

Uma vez que alguns professores já fazem uso da criação de livros como instrumento pedagógico, embora não possuam conhecimento suficiente sobre o papel do editor ou da cadeia do livro, é importante socializar esse saber aos professores e seus alunos. Com base nisso, podemos pensar em um processo complexo e rico em aprendizado que pode ser desenvolvido junto aos alunos por meio de uma gestão participativa do conhecimento: a feitura de livros artesanais.

Objetivamos inicialmente as seguintes metas: disseminar a produção editorial; incentivar a leitura e o contato dos jovens com os livros; fornecer materiais de apoio pedagógico ao professor para que ele possa ministrar suas aulas com recursos

interativos; promover um ecossistema comunicativo na escola, implantado através do projeto; promover a construção da cidadania. Além disso, buscamos empoderar estudantes de uma escola de baixo IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) por meio da aproximação com os livros, mostrando que a realidade pode ser modificada através de práxis educomunicativas.

Com o progresso do processo, esboçamos mais metas, tais como, desenvolver senso crítico em relação aos meios de comunicação, incentivar o protagonismo social, a criatividade e a autonomia e valorizar a pluralidade e a diversidade de ideias, permitindo a construção de um ambiente propício à diferença e promovendo a inclusão social, baseando-nos na gestão participativa, própria do paradigma educomunicativo.

2. EDUCOMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO EDITORIAL

Para a concretização do projeto foi utilizado principalmente o aporte teórico voltado a dois campos do saber: Educação e Produção Editorial, o que possibilitou a compreensão dos processos de editoração e sua aplicação em um ambiente escolar, proporcionando, assim, a reflexão sobre autoria e protagonismo infantil. Para tanto, buscou-se compreender a importância da área de Educomunicação em artigos dos pesquisadores Soares e Baccega; no referencial teórico referente à editoração, trabalhamos com **Paratextos Editoriais**, de Genette, bem como **A Construção do Livro**, de Araujo.

Na atualidade, os discursos são voltados à comunicação e à informação. Nada mais coerente do que a educação se aproximar aos contornos dos hábitos cotidianos midiáticos, necessidades e exigências que a contemporaneidade impõe. Nossos dias são regidos pelo subjetivismo, que valoriza o sujeito e coloca em pauta a sensibilidade no processo educativo, muitas vezes através da própria cultura. Além disso, o consumo é visto como um exercício de cidadania, pois a partir dele também fazemos distinções e percebemos as demandas sociais. O paradigma da educomunicação contempla essas mudanças nos sujeitos, nos processos e na educação social, pois parte do diálogo entre uma educação comunicativa e de uma comunicação educativa.

A educomunicação tem como pilares a expressão comunicativa por meio da arte, as mediações tecnológicas no espaço educativo, a gestão dos processos comunicativos e a reflexão epistemológica sobre a inter-relação comunicação/educação. É uma educação voltada a formação de interlocutores criticamente e politicamente empoderados capazes de intervirem no meio onde estão inseridos.

Baccega (2009, p. 21) aponta que o primeiro desafio da Educomunicação é “enfrentar a complexidade da construção do campo comunicação/educação como novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes”. Há duas visões diferentes dos estudiosos sobre Comunicação e Educação: os que acreditam numa dicotomia, pois enxergam a educação como responsabilidade do estado, enquanto a comunicação atende somente interesses privados. Em oposição a essa ideia, há estudiosos que creem em um novo e único campo, pautado pela interdiscursividade, que pensa além do messianismo tecnológico e trata a comunicação como um componente do processo educacional. Nosso projeto é embasado a partir da segunda corrente, porque vemos os dois campos como indissociáveis e complementares. Buscamos na educação diversas formas pedagógicas de repassar o conhecimento de uma das áreas da Comunicação Social, a Produção Editorial.

Desde o início, com os filósofos da educação e os comunicadores latinos, com a popularização tecnológica, a educomunicação tenta propor o diálogo entre escola, família e comunicação por meio de três Cs: conhecer, criticar e construir.

A educomunicação também permite a criação de ecossistemas comunicativos, promovendo uma semiose infinita de conhecimento, sendo, assim, um processo contínuo em que cada pessoa envolvida adquire e compartilha conhecimentos e experiências. Essa área de estudo promove a polifonia e o diálogo a partir das diferenças, promovendo a passagem de uma sociedade multicultural para inter/transcultural.

Por outro lado, sabe-se que nos últimos quinze anos, a educação brasileira tem se expandido, e parte dessa expansão foi realizada a partir do PNE (Plano Nacional de Educação), que é a base para todas as decisões sobre educação no país e que origina outros planos mais específicos, como o PDE (Plano de Desenvolvimento da Escola), criado em 2007, que promove a inclusão digital por meio da distribuição

de computadores e aparelhos multimídias em escolas públicas. Além disso, há o PNLND (Programa Nacional do Livro Didático), que proporciona livros didáticos às escolas de educação básica.

O governo tem altos gastos com a produção dos livros didáticos e a compra de computadores e dispositivos eletrônicos. Mas até que ponto esses materiais realmente ajudam na educação? Sabe-se que muitos professores acabam não utilizando os livros, pois esses não atendem às demandas locais e às necessidades específicas da turma. Como enfrentar o desafio de criar um conteúdo para um livro didático que possa ser usado em todas as regiões e estados de um país de tamanho continental como o Brasil?

O paradigma educacional e os REAs (Recursos Educacionais Abertos) são alternativas para a melhoria do padrão de aprendizagem, tendo como maior benefício a democratização do conhecimento, pois podem reduzir a evasão escolar e diminuir os custos governamentais com educação.

O Kit para o Professor criado em nosso projeto é um Recurso Educacional Aberto, que “são frequentemente chamados de objetos de aprendizagem ou conteúdo aberto” (INAMORATO, 2013, p. 21). Os REAs possuem três bases: o conteúdo de aprendizado, as ferramentas (softwares) e as licenças de uso. São recursos de ensino de licença aberta que podem ser usados e adaptados por terceiros, de forma que o trabalho, uma vez iniciado, tem a possibilidade de ganhar continuidade e aprimoramento. Os vídeos, similares a vídeo-aulas, serão um material complementar roteirizado a partir da síntese do conteúdo disposto no Manual do Professor.

Os REAs propõem atividades extracurriculares associadas às TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação) e promovem a autoaprendizagem (pessoas que não frequentam escolas podem ter acesso a conteúdos a partir de um computador de qualquer localidade), diminuem a evasão escolar, permitem o desenvolvimento profissional dos professores, integram universidade e sociedade e também disseminam a prática da produção colaborativa.

Estamos falando não apenas de recursos didáticos, mas de possibilidade de engajamentos coletivos, que nos fazem repensar sobre a pirataria e o plágio. Nosso

Manual do Professor visa dar continuidade ao projeto, para que ele seja repassado para outras escolas, por isso utilizamos a licença aberta, para evitarmos problemas relacionados a cópias e com o intuito de democratizar o conhecimento sobre o “saber e o fazer editorial”.

A Educomunicação propõe essa interação dos campos da Comunicação e da Educação. Antes tão distantes, agora se unem para promover “a apropriação da cultura por parte dos usuários dos meios de informação” (SOARES, 2000, p. 17), o que constitui uma “plataforma para uma ação educativa coerente com as necessidades atuais” (SOARES, 2000, p. 17). A Educomunicação propõe o uso cultural de recursos tecnológicos na aprendizagem, o que coloca o aluno no exercício da prática, valorizando sua opinião, seus saberes e sua cidadania.

Com a Educomunicação, é possível deflagrar e promover um ecossistema educativo e comunicativo, no qual as relações são de igual para igual, o professor e o aluno são ambos emissores e receptores, ou melhor, interlocutores. A ideia é que o conhecimento seja construído em conjunto, com o exercício do diálogo e de discussões construtivas.

A produção de um livro direcionado às crianças é considerada um fascínio por muitos profissionais do mercado editorial, uma vez que permite uma maior liberdade de criação. Quando o conteúdo é produzido por crianças, é ultrapassada a barreira do convencional, pois lhe são dados os cargos de emissores e não somente de receptores. Assim, há uma espécie de reflexo, de uma criança para outra, sem a velha hierarquia de conhecimento. Afinal de contas, indivíduos em formação escolar também podem ser produtores de conhecimento, principalmente estimulados pela mediação da arte e da mídia.

Caracterizamos o aluno como “um ser comprometido com as transformações sociais, mas também com a de si mesmo” (SILVA, 2008, p. 1). Em nossas oficinas, os alunos escreveram histórias para compor o livro a partir do qual trabalhamos nos processos editoriais. Como oficinairos, nos tornamos mediadores deste processo, sendo “orientadores, leitores dialógicos que realizam intervenções sistemáticas na escrita dos alunos e alunas, de forma a [...] fazê-los repensar seu modo de dizer, de usar e operar com a linguagem” (SILVA, 2008, p. 1).

3. OPÇÕES METODOLÓGICAS

A metodologia foi dividida em três partes: a pesquisa bibliográfica, o planejamento concomitante das oficinas e dos produtos editoriais para o professor e a execução das atividades na escola, junto ao desenvolvimento do processo de edição do Kit para o Professor.

Para as oficinas sobre o processo editorial de um livro artesanal utilizamos recursos tecnológicos, como slides para a apresentação dos conteúdos, além do laboratório de informática da escola para o ensinar os softwares livres Word e **BR.Office**. Como prática pedagógica, utilizamos o princípio da educomunicação, unindo teoria e prática. E todas as atividades foram realizadas a partir do diálogo e de votação entre os estudantes.

A partir do livro **Oficina de Escrita Criativa**, de **Solimar Silva**, tivemos base para a criação de originais dos alunos, utilizamos a atividade Banco de Literatura Universal, mas percebemos que, ao invés de oferecermos aos estudantes o personagem previamente definido, poderíamos ajudá-los a criar um novo personagem para suas histórias. Com isso, conseguimos que a turma se dividisse em três grupos para a escritura de três diferentes histórias sobre um mesmo personagem. Dessa forma, os alunos exerceram a co\autoria e por meio das escolhas físicas e psicológicas do personagem conseguiram problematizar, construir juntos e aguçar contradições.

Em todas as oficinas levamos para esses alunos informações sobre o que se passa no universo editorial, para que assim eles busquem a literatura e desenvolvam o amor pelo livro. O projeto gráfico e editorial desenvolvido com eles foi projetado a partir do gosto do grupo. Antes das escolhas serem feitas foi aplicado pelosicineiros os conteúdos do livro **Como editar seu próprio livro**, do autor Muller, que possui uma linguagem fácil e direta, para que qualquer pessoa que queira ter seu próprio livro possa fazê-lo.

Durante as oficinas, um aluno criou textos com conteúdos machistas e ofensivos em relação a professores da escola. Para solucionarmos o problema durante o período destinado para a revisão conversamos com esse aluno que escreveu a história e sugerimos que ele refletisse sobre a desigualdade de gênero e as ofensas expostas no texto. O aluno removeu as partes ofensivas do texto

e modificou a parte da história que reproduzia o discurso machista e opressor. Mais uma vez, utilizamos o espaço para o diálogo, não impondo pontos de vista, apenas fazendo perguntas pertinentes ao assunto em questão e promovendo a descentralização da palavra, concomitantemente desenvolvendo a criticidade dos alunos em relação às desigualdades de gênero.

O objetivo dos REAs é também utilizar um recurso para criar outro, e assim, fizemos na oficina de diagramação, na qual os alunos trabalharam com o software livre BR.Office e Word, mas que anteriormente havíamos planejado para que fosse utilizado o Scribus, mas quando nos deparamos com o sistema operacional Linux no computador da escola, não conseguimos continuar com a ideia, porque as máquinas não suportavam o programa. Utilizamos o manual “Tutorial Scribus 1.4.2”, de Marinez Siveris, para nos basearmos para criar os conteúdos da oficina de diagramação, pois o arquivo está disponível em licença aberta, o que facilitou nossa pesquisa. Os alunos mostraram dificuldades em compreender por terem pouco conhecimento de editores de texto. Trabalhamos conceitos básicos para diagramar as histórias criadas nas oficinas anteriores, os alunos puderam testar as ferramentas do software.

A educomunicação e os REAs possibilitam: a democratização do ensino, intervenção social, construção da cidadania, promover a sensibilidade educativa, a interdisciplinaridade, a valorização do mundo dos sujeitos. E para uma melhor educação, esse paradigma parece esboçar um bom futuro. Como um átomo, com partes intrínsecas, nosso projeto utiliza os REAs e a Educomunicação de forma harmônica e dialógica.

4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Os produtos oferecidos ao professor são resultados das oficinas ministradas na Escola Estadual de Educação Básica Augusto Ruschi. O Recurso Educacional Aberto desse projeto é o Kit para o Professor, que contem um Manual do Professor, um exemplar do livro produzido nas oficinas e seis vídeos complementares. Para o Manual, usaremos o formato PDF e **Word**. A escolha desses formatos se deu devido ao fato de serem amplamente utilizados e de fácil acesso por meio de qualquer computador. Os vídeos estão disponibilizados no site de compartilhamento

de vídeos Youtube através do link: <https://www.youtube.com/channel/UCOvXF60tjn0AHDLK46ajaYg>, enquanto as versões em PDF e .DOC (Word) estarão disponíveis para download no site <https://www.processoseditoriaisnaescola.wordpress.com/>. Utilizamos os softwares: **Adobe Indesign** (para diagramação do Manual do Professor) e **Adobe Premiere, Sony Vegas** e o **MovieMaker** (para a edição dos vídeos).

Para o Kit para o Professor Offline, reservamos os seguintes produtos: um Manual do Professor impresso, um DVD de apoio com conteúdo multimídia (slides utilizados nas oficinas, vídeos e áudios). O público-alvo são professores e alunos de escolas públicas, com abrangência primeiramente local, mas com possibilidade do conteúdo ser disseminado pela web.

Em relação ao conteúdo, não engessamos a obra no que tange ao processo editorial. Abordamos ideias para que o professor adapte o processo de produção do livro ao seu cotidiano educativo, suprimindo as necessidades de seus educandos.

5. DESCRIÇÃO DO PROCESSO

Primeiramente foi organizada uma reunião na Escola de Educação Básica Augusto Ruschi para que a equipe pudesse conhecer as necessidades da comunidade escolar e a demanda de trabalhos a fim de adequar o produto a realidade da escola. Essa reunião contou com a presença do diretor Danclar Rossatto, da coordenadora pedagógica Angela Lena, da professora de português Rosane Pendenza Calegaro e da professora Tânia Heloísa Fitz. Diante de muitas sugestões, consideramos que o livro artesanal e a criação das histórias por parte dos alunos ampliaria o universo de trabalho e englobaria mais áreas do conhecimento.

Escolhida a dinâmica do trabalho, o grupo se reuniu para tentar criar os livros artesanais, pois nenhum integrante havia tido contato com esse tipo de publicação. Assim, todos os componentes da equipe reuniram-se na casa de uma integrante do grupo e realizaram “projetos pilotos” dos livros com base em vídeos postados no Youtube e dicas de sites. O objetivo dessa atividade era que o grupo aprendesse como fazer livros artesanais com papelão para poder repassar o tutorial para as crianças. Todos do grupo conseguiram realizar a atividade e concluir que é possível praticar essa atividade em um ambiente escolar. Com a prática surgiram

novas ideias para o formato do livro artesanal e com a ajuda de uma criança de dez anos, conseguimos compreender melhor o que poderia ser interessante para os estudantes. Então, surgiu a ideia de que as crianças iriam escrever histórias para os livros, para que isso incentivasse a autoria e autonomia infantil e para que no final da oficina elas se sentissem privilegiadas por terem seu próprio livro, sendo autoras e editoras dos conteúdos.

Na mesma semana dos testes, houve a segunda visitação a Escola de Educação Básica Augusto Ruschi, na qual conversamos com a professora Angela e com a professora Tânia, as duas do setor pedagógico. Esclarecemos algumas dúvidas e após isso, começamos divulgar o projeto nas turmas do sétimo e oitavo ano da escola. Durante a divulgação, procuramos expor os principais objetivos da oficina e explicamos como seria o processo de criação desse material. Conseguimos em torno de 43 inscritos (apenas dez alunos compareceram à primeira oficina) e o apoio da escola para o fornecimento de materiais utilizados nas oficinas. Como muitos jovens não possuem o hábito de ler, encontramos certa dificuldade durante a divulgação do projeto, pois muitos alunos associam o livro a algo tedioso.

Para melhor nos organizarmos, tanto em relação às oficinas quanto a criação do manual e das vídeo-aulas, elaboramos um cronograma de atividades do grupo, no qual é descrito o que cada integrante faria ao longo do período em que o projeto acontecesse. Pesquisamos e criamos os conteúdos que foram repassados nos encontros em formatos de slides, de forma que procuramos simplificar a linguagem acadêmica para que os estudantes do ensino fundamental pudessem compreender o processo editorial em sua totalidade.

Na semana seguinte, começamos o projeto editorial e o desenvolvimento do roteiro de vídeo-aula com o objetivo de fortificar a ideia do manual, compreender o público-alvo e a função social dessa publicação. Primeiro, discutimos sobre a ideia central do manual, após isso, começamos a escrevê-lo, concomitantemente com o roteiro de vídeo-aula e a pesquisa de identidade visual do Kit para o Professor.

As oficinas foram todas programadas anteriormente por meio de sequências didáticas, na qual descrevíamos os materiais necessários, o ambiente em que seria realizada a atividade e o passo a passo das explicações sobre os processos editoriais. E também fizemos uma divisão do tempo para cada explicação com o

intuito de respeitarmos o horário da saída dos alunos.

A oficina de Criação de Originais teve como objetivos: promover a autoria infantil, gerar a interação dos alunos através da atividade em grupo, incentivar a criatividade e promover a autoria e autonomia dos estudantes, valorizar a liberdade de expressão, estimular a criatividade, proporcionar o conhecimento da estrutura de narrativa e de conto. O principal obstáculo foi preparar a oficina para os estudantes que ainda não conhecíamos, pois não sabíamos como eles poderiam nos recepcionar. Outra dificuldade se deu em relação a não sabermos o número exato de crianças que compareceriam no primeiro dia. Nessa oficina, houve primeiramente a criação do personagem central que iria estar presente em todas as histórias. Os alunos escolheram o nome, o sexo, a cor do cabelo, a cor dos olhos e a raça da personagem e mostraram-se empolgados nessa atividade. Após isso, os estudantes começaram a escrever as histórias em grupo. Foram criadas três histórias, mas como os autores da terceira história não compareceram aos demais encontros resolvemos fazer o livro somente com os originais dos participantes que continuaram assistindo as oficinas.

Esta oficina foi dividida em dois dias, pois os alunos solicitaram mais tempo para escreverem as histórias. Então, no segundo dia os alunos formaram grupos para continuar a história que iniciaram na aula anterior. As histórias começaram a se desenvolver depois que cada grupo ficou em mesas separadas e a distração do grupo parou ao iniciarem o debate para a criação da história. Notamos a partir dessa segunda etapa, que os alunos possuíam dificuldades para escrever de acordo com a ortografia correta.

No encontro posterior, levamos as histórias produzidas (manuscrito) pelos alunos no formato Word (digitado), com o intuito de pouparmos tempo e de que os alunos pudessem ter mais contato com os softwares de edição de texto. A Oficina de Seleção de Originais/ Revisão / Preparação de Originais/ Registro de Obra tinha os seguintes objetivos propostos previamente: exercer a revisão do texto, evitar alguns erros comuns de língua portuguesa e promover a criticidade em relação ao original. Os alunos conseguiram compreender o processo pré-diagramação do livro e esclareceram dúvidas sobre a seleção de originais. Além disso, puderam perceber a importância da revisão do texto e do estudo em língua portuguesa.

Alguns estudantes criaram textos com conteúdos machistas e ofensivos em relação a professores da escola, para solucionarmos o problema durante o período destinado para a revisão conversamos com o aluno que escreveu a história e pedimos para que ele refletisse sobre a desigualdade de gênero e as ofensas expostas no texto. O aluno removeu os fragmentos ofensivos do texto e modificou a parte da história em que reproduzia o discurso machista e opressor. Uma das dificuldades mais notável ao longo do processo foi a de que alunos não possuíam muito conhecimento sobre softwares de edição de texto, mais especificamente o **BR.Office** e o **Word**.

Na oficina de Projetos de Edição, foi criado o projeto gráfico e o projeto editorial do livro. Os alunos observaram os projetos de livros impressos disponíveis na biblioteca da escola conforme os conceitos apresentados anteriormente, e decidiram em grupos, por meio de votação os elementos editoriais e gráficos.

A oficina de Diagramação foi dividida em duas partes: a introdução à diagramação e a segunda reservada à diagramação das histórias criadas pelos alunos. Para o primeiro encontro sobre diagramação, havíamos planejado utilizar o software livre **Scribus**, mas ao tentarmos instalar o programa nos computadores não conseguimos devido ao fato do instalador não ser executável em sistemas operacionais de **Linux Educacional**. Então, para não perdermos o tempo da oficina, improvisamos a diagramação no **BR.Office**. Como resultados alcançados, podemos dizer que os alunos desbravaram o software e conheceram ferramentas que eles desconheciam para a formatação de texto. Assim, acreditamos que esta oficina não serviu somente para a diagramação do livro, mas para os alunos aprenderem a como formatar os trabalhos escolares. O que percebemos é que muitos alunos apenas copiam e colam o trabalho, não se dando ao trabalho nem de retirar os **hiperlinks** dos conteúdos da internet. Dessa forma, os alunos dão mais atenção ao texto, pois ao formatarem o arquivo acabam fazendo uma segunda leitura.

Na oficina de Montagem, foram feitas as capas artesanais com papelão, deixamos o tema livre para que cada aluno criasse a arte que desejasse. Para isso, eles tinham a disposição tinta guache, tesoura, papelão, lápis, pincel, giz de cera, canetinhas e lápis de cor. A junção da capa com o miolo impresso que foi diagramado na oficina anterior ocorreu por meio da costura com barbante. Os

estudantes fizeram quatro furos no papelão e no miolo e depois costuraram com a linha para poder unir as duas partes.

Depois de terem o livro pronto, os alunos aprenderam a como divulgá-lo em mídias convencionais e digitais. Durante a oficina de Divulgação foi realizado um pequeno lançamento em forma de Varal Literário no pátio da escola. O planejado era que o lançamento acontecesse durante o intervalo, mas como naquele dia a escola encerraria o turno mais cedo, eles mudaram de estratégia, procuraram um lugar de visibilidade pelo pátio, e definiram o corredor perto do refeitório como ponto-chave para atrair a atenção do público. Os livros ficam pendurados com prendedores de roupas em um varal de barbante amarrado a dois pilares da área da escola. Enquanto havia a exposição, os alunos apresentavam o projeto e tiravam as dúvidas dos estudantes, professores e funcionários da comunidade escolar.

6. RESULTADOS ALCANÇADOS

Podemos citar como resultados tangíveis a descentralização da palavra, pois os alunos contribuíam com os conteúdos expostos nas oficinas, proporcionando assim, um conhecimento de via de mão dupla. Através da participação dos alunos, podemos considerar o presente protagonismo dos estudantes, que se mostravam entusiasmados com as votações e discussões propostas.

No início das oficinas, perguntamos aos estudantes se eles sabiam o que fazia um produtor editorial e se sabiam da existência de um curso na universidade federal na cidade em que residia, a maioria dos alunos desconhecia. Então, como segundo resultado atingido, é possível elencar o reconhecimento do curso de Comunicação Social – Produção Editorial, da Universidade Federal de Santa Maria.

A primeira etapa do processo editorial em que os alunos mais se aprofundaram foi à seleção de originais, no caso, a criação de originais que conferiu a eles a experiência de autoria. Concomitante ao incentivo da leitura, conseguimos motiva-los a lerem e a relatem suas experiências literárias. Além disso, todas as oficinas tiveram a promoção do debate e a troca de ideias a partir das diferenças como instrumento pedagógico.

Ao fim do processo, concluímos que os alunos adquiriram conhecimento

sobre o processo editorial e suas etapas. E também notamos que o trabalho em grupo possibilitou a interação entre os estudantes, que inicialmente mostravam-se tímidos. Por meio desse processo de aprendizagem e pelos seus resultados, podemos mencionar a aproximação da academia e da sociedade. E ao fim, conseguimos por meio das oficinas concretizarmos nossas ideias para a criação do Manual do Professor.

Como resultados intangíveis, podemos mencionar que ambicionávamos atingir um número maior de alunos participantes das oficinas e não atingimos a quantidade de histórias que pretendíamos, pois o livro teria três contos, porém os integrantes de um dos grupos não compareceram aos demais encontros e a história não foi publicada.

7. INDICADORES DE AVALIAÇÃO UTILIZADOS

Os indicadores de avaliação estavam presente em todas os encontros com os alunos, pois ao final de cada oficina eram relatados pelos estudantes comentários sobre as atividades e durante a oficina também obtínhamos o feedback deles.

Durante a oficina final, aplicamos um questionário aos quatro alunos que estavam presentes. Através de suas respostas, concluímos que todos puderam compreender com clareza os conteúdos ministrados nas oficinas. Eles mencionaram a criação de originais e a elaboração da capa como suas atividades favoritas, enquanto a diagramação foi apontada como a atividade de maior dificuldade, embora tenham afirmado que conseguiram aprender um pouco mais sobre as ferramentas do **Microsoft Word**. Segundo os alunos, osicineiros tinham bom domínio do conteúdo, e nossa média de nota final, considerando as oficinas como um todo, foi 9,5. Todos os estudantes se mostraram interessados na ideia de continuar produzindo livros.

Os professores que prestigiaram a atividade de lançamento do livro mostraram-se entusiasmados e elogiaram nosso trabalho, dialogando com os alunos sobre as histórias e sobre o processo de produção da obra. O diretor da escola também foi muito receptivo, afirmando que a escola pretende dar especial incentivo ao letramento e inclusão literária dos estudantes.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste trabalho colaborativo, foi possível constatar resultados construtivos, tais como a motivação e o protagonismo por parte dos alunos, o desejo de querer aprender os conteúdos e de aperfeiçoar a escrita. Eles gostaram da experiência de autoria infantil e mostraram-se proativos com as atividades propostas. Com entusiasmo, os estudantes conseguiram a atenção da comunidade escolar para divulgar os trabalhos realizados nas oficinas. Assim, é possível constatar que a divulgação sobre o papel do produtor editorial surtiu bons efeitos. E que o ecossistema comunicativo que desejávamos implantar na escola já está enraizado na mesma e nos novos propagadores da produção editorial através das práticas educacionais desenvolvidas pelo Programa EDUCOM UFSM, desde 2009.

Enfrentamos poucos problemas em relação ao projeto, o que mais se destacou foi a escola ter estrutura física (laboratório de informática), mas os alunos não dispunham de conhecimento sobre o Word, o que dificultou o ensino da diagramação. Mas vemos que esta dificuldade foi vencida, pois todos os alunos conseguiram desempenhar essa etapa do processo editorial e que servirá para formatação de futuros trabalhos escolares.

Percebemos que obtivemos mais resultados positivos, tais como o protagonismo social por parte dos alunos, o desejo de querer aprender os conteúdos e escrever obras.

Na última oficina, notamos o desejo dos alunos continuarem o projeto, quando uma aluna perguntou se continuaríamos as oficinas no ano seguinte. Ao explicarmos que não seríamos mais oficinairos, mas que a escola possui planos de investir na criação de uma editora escolar, a menina se propôs a participar do futuro projeto.

O incentivo pela leitura mostrou-se como um resultado atingido quando propomos a criação de uma lista de livros sugeridos e os alunos contribuíram com suas experiências de leitura.

Os alunos gostaram da experiência de autoria infantil e mostraram-se proativos quando se propuseram a fazer um exemplar para a biblioteca da escola. Com entusiasmo, os estudantes conseguiram a atenção dos membros da comunidade

escolar e divulgaram os trabalhos realizadas nas oficinas.

Assim, é possível notar que a socialização do papel do produtor editorial surtiu efeito. E que o ecossistema comunicativo que desejávamos implantar na escola já está enraizado nos novos propagadores da produção editorial através das práxis educacionais.

Concomitante a isso, conseguimos por meio das oficinas concretizarmos nossas ideias para a criação do Manual do Professor. E acreditamos que a experiência na Escola de Educação Básica Augusto Ruschi nos possibilitou compreender os verdadeiros valores da Educomunicação, pois foi possível por em prática a teoria que aprendemos na disciplina de Projeto Experimental de Produção Editorial em Educação.

Portanto, é possível defender com Rosa (2015), a educomunicação como um direito humano e alternativo a democratização da comunicação, no caso desse trabalho, a democratização dos processos editoriais.

9. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emmanuel. **A construção do livro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

BRITO, Tatiana Feitosa de. **O livro didático, o mercado editorial e os sistemas de ensino apostilados**. Brasília: Centro de Estudos da Consultoria do Senado Federal, 2011. Disponível em: <<http://www12.senado.gov.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/textos-para-discussao/td-92-o-livro-didatico-o-mercado-editorial-e-os-sistemas-de-ensino-apostilados>>

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica**. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/43579/47201>>

INAMORATO, Andreia. **Recursos educacionais abertos no Brasil: o estado da arte, desafios e perspectivas para o desenvolvimento e inovação**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

MULLER, Leandro. **Como editar seu próprio livro**. São Paulo: Prestígio, 2009.

ROSA, Rosane. Direito Humano a Educomunicação: uma alternativa a democratização da comunicação. In. **Educação e Comunicação para os Direitos Humanos**. RADATZ, V. (Org.) Ijuí: Ed.Unijuí, 2015.

SANTANA, B. ROSSINI, C. PRETO, N. **Recursos Educacionais Abertos: Práticas Colaborativas**. Disponível em: <<http://www.livrorea.net.br/livro/livroREA-1edicao-mai2012.pdf>>

SILVA, Ana Lúcia Gomes da. **Leitura e escrita: processos de autoria e co-autoria**. In: Tabuleiro de Letras, ano 1, nº 2. Bahia: Uneb, 2008. Disponível em: <http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_02/pdf/artigo_vol02_02.pdf>.

SOARES, Ismar. **Educomunicação: um campo de mediações**. São Paulo: Comunicação e Educação, 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36934/39656>>.

•● AS AUTORAS ●•

Maura da Costa e Silva é Formada em Comunicação Social - Produção Editorial pela Universidade Federal de Santa Maria. Possui interesse nas seguintes áreas de pesquisa: História do Livro e da Leitura, Produção Editorial e Convergência, Design Editorial. Atualmente, cursa Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: maura.c.silva@gmail.com.

Raquel Scremin é Graduada em Comunicação Social com habilitação em Produção Editorial na Universidade Federal de Santa Maria, tendo apresentado como trabalho de conclusão de curso (TCC) a monografia "Possibilidades para o Produtor Editorial na Educação: Estudo de caso da EDUMIX – Editora Aberta". Técnica em Comunicação pelo Instituto Estadual de Educação Visconde de Cairu. Atua nas áreas de Comunicação e Educação (Educomunicação) desde de 2011. Colabora em diversos Projetos e Programas de Extensão pela Universidade Federal de Santa Maria. Foi monitora do Programa Mais Educação, operacionalizado pela Secretaria de Educação Básica (SEB), por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação nas escolas E.E.E.B. Santos Dumont, E.M.E.F. Expedicionário Weber (Santa Rosa) e E.E.E.B. Augusto Ruschi (Santa Maria). Foi Estagiária na 8ª Coordenaria Regional de Educação em Santa Maria, através da Secretaria da Educação do estado do Rio Grande Sul. Atualmente cursa Mestrado Profissional Tecnologias Educacionais em Rede da UFSM, e atua como Produtora Editorial, Educomunicadora e Freelancer. E-mail: raquelscremin@gmail.com.

Rosane Rosa é Drª. Em Ciências da Informação e da Comunicação pelo PPGCOM da Universidade Feral do Rio Grande do SUL (UFRGS). Profª. do Dpto. de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-graduação em Comunicação e do Programa Interdisciplinar Tecnologias Educacionais em Rede da UFSM. E-mail: rosanerosar@gmail.com.